

**AFROEMPREENDEDORISMO: REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS SUBVERSIVAS
DESENVOLVIDAS POR MULHERES NEGRAS NA CIDADE DE VITÓRIA DA
CONQUISTA-BA**

LUANA SILVA FRANÇA¹

ANA CLAUDIA LEMOS PACHECO²

RESUMO

Objetivamos compreender, nesse artigo, como o fenômeno denominado "empreendedorismo negro" e/ou "afroempreendedorismo" se constitui como estratégias de sobrevivência e de autodefinição das mulheres negras, no contexto atual em Vitória da Conquista, localizada no sudoeste baiano. O texto se constitui como uma parte da pesquisa de mestrado já concluída, em que privilegiamos a coleta de informações produzidas por um grupo de cinco mulheres negras empreendedoras selecionadas dentro dos critérios gerais estabelecidos na pesquisa. Na metodologia empregada, fizemos uso da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 1979), para verificar os discursos nas plataformas digitais de mulheres negras empreendedoras, disponíveis nos canais do *Youtube* e do *Instagram* na internet.

PRÁTICA SUBVERSIVA DE MULHERES NEGRAS AFRO EMPREENDEDORAS

As pesquisadoras negras feministas antirracistas têm se posicionado

¹ Coordenadora Técnica da Secretaria Municipal de Educação em Belo Campo. Mestra em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC/UESB). Possui Especialização em História Política, Cultura e Sociedade (UESB). Licenciada em História (UESB). Membro do Grupo de Pesquisa CANDACES: gênero, raça, cultura & sociedade da UNEB, certificado pelo CNPq. E-mail: pretaprofranca@gmail.com

² Professora Titular de Sociologia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB, Campus- I, Salvador) e Professora Permanente do Mestrado acadêmico de Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campus Jequié, Bahia. Líder do Grupo de Pesquisa CANDACES: gênero, raça, cultura & sociedade da UNEB, certificado pelo CNPq. E-mail: ana_pachecau@hotmail.com



criticamente acerca dos modos que os conhecimentos são produzidos e validados, tradicionalmente, na academia. Tais reflexões nos possibilitam levantar novas questões que atravessam as mulheres negras de modo particular e coletivo. Desse modo, demandas que envolvem o empreendedorismo negro feminino precisam ser pensadas sob uma nova ótica, para além de um empreendedorismo restrito à ótica do economicismo para as sobrevivências, mas descortinando os significados que essas mulheres dão às suas práticas.

Entre as pesquisas encontradas sobre a temática, percebemos algumas visões distintas sobre o empreendedorismo desenvolvido por pessoas negras como: o Afroempreendedor e o Empreendedor negro. Privilegiamos neste estudo o conceito de afroempreendedorismo proposto pela pesquisadora Maria Angelica dos Santos (2019), que classifica Afroempreendedorismo *Lato sensu* e Afroempreendedorismo *Stricto sensu*.

A autora citada acima explica que o empreendedor negro que não visa uma perspectiva étnico-racial pode ser considerado um afroempreendedor, porém, *latu sensu*, visto que o simples fato de ter um corpo negro vinculado ao ato de empreender e se movimentar já causam mudanças importantes. Porém, obviamente, o afroempreendedor causa um impacto diferente do empreendedor *stricto sensu*, que através das atividades econômicas pode causar um movimento transformador e de impacto social na luta antirracista.

Estamos inseridos em uma sociedade estruturada por um sistema capitalista, que rebaixa e desvaloriza os trabalhos realizados pela população negra. Assim, a importância de um mapeamento e de discussões sobre empreendedorismo à luz do feminismo negro e decolonial nos oferece bases estratégicas para refletir sobre políticas públicas para o avanço socioeconômico de mulheres e homens negros, em relação aos demais grupos racialmente hegemônicos.

Os estudos sobre o empreendedorismo desenvolvido por pessoas negras



são mobilizados como a ponta do *iceberg* capaz de revelar várias fases da realidade. As estratégias sociais de sobrevivência econômica, além de mostrar os agenciamentos construídos de forma coletiva da população negra, diante dos processos de exclusão do mercado de trabalho formal, também sinalizam como essa população resistiu às desigualdades de raça, classe e gênero, desde início do pós-abolição e as suas potencialidades mobilizadoras diante de diferentes contextos sociais e históricos (Nascimento, 2020, Reis, 2021; Santos, 2019, Silva, 2017).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021) aponta que a população negra (preta e parda) representa 55,8% da população brasileira. Paradoxalmente, essa população é a que mais empreende no Brasil, e ocupa os piores índices de desenvolvimento socioeconômico. Os dados do GEM (2020) apontam que, as mulheres negras empreendedoras correspondem a 60% no Brasil, sendo que, na Bahia, o SEBRAE (2020) aponta que o número de mulheres que se autodeclaram negras e que são empreendedoras corresponde a 83%, demonstrando, também, que esse grupo que mais sentem dificuldades ao montar os seus negócios.

O desempenho na luta pela sobrevivência das mulheres negras, na perspectiva de Gonzalez (2020), vai na direção da necessidade de se movimentar de diversas formas possíveis para conseguir subverter os lugares de desigualdades que lhes são acometidos dentro da sociedade. Na mesma direção, Collins (2019), ao tratar das opressões que atravessam os corpos das mulheres negras, revela que essas mulheres têm um grande potencial de se refazer diante das dificuldades sociais. Isso pôde ser visto na narrativa das mulheres negras colaboradoras da pesquisa:

[...]eu me lembro que eu fazia docinho para pagar minha faculdade, paguei, fazia caldo, fazia um monte de coisa, chocolate quente (LILA)³. Eu e minha irmã, montamos um espaço na antiga cozinha da minha mãe, engraçado era que lá tinha os móveis que não usava

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4ei12My3-wk>_Acesso em: 10 agosto 2021.

"ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÔ



mais, aí eu pedi o meu pai para vender esses móveis, e comprar coisas para o salão, [...] eu não tinha dinheiro para comprar as coisas do salão, [...] fui lá e vendi um sofá e vendo um rack (MAIZA)⁴

Tinha duas bases da Tracta, uma sombra da Alice Salazar marrom, e um brilha-rosê gold, eu não tinha prime, eu tinha uns 7 pincéis no máximo, não tinha prime, não tinha hidratante, eu não hidratava pele de cliente quando eu maquiava, não limpava com tônico, já ia direto com base e corretivo, corretivo da Tracta também, não usava pó translúcido, eu acho⁵.(LUIZA)

Há de se perceber que o empreendedorismo desenvolvido por pessoas negras se apresenta como resposta à crise no mercado de trabalho, com alicerces históricos na precarização do trabalho que atravessa os negros, no contexto da diáspora africana. Essa dimensão pendura para uma compreensão de diferentes análises como: empreendedorismo por necessidade, afinidade e, talvez, se inicia pela necessidade de adquirir alguma renda financeira, mas que se torna por afinidade ao perceber as habilidades e satisfação naquilo que se faz como atividade econômica (NASCIMENTO, 2020).

A questão do empreendedorismo da população negra tem ganhado vários desdobramentos e dimensões, principalmente, quando pensada a partir de uma compreensão histórica e econômica que atravessa e atravessa as suas trajetórias. Nesse sentido, as suas atividades empreendedoras, conseqüentemente, são ampliadas para diferentes áreas, não somente da produção, mas também da prestação de serviços. Abrangem questões estruturais da desigualdade de raça e gênero que as análises interseccionais propiciam perceber através da produção e reprodução os mecanismos de exclusão e de pobreza da população negra (GONZALEZ, 2020, COLLINS, 2019).

Pesquisas que abarcam as experiências de mulheres negras, nos

⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=TpzE_dRjPcU. Acesso em: 07 junho 2021.

⁵ Disponível em: https://www.instagram.com/s/aGlnaGxpZ2h0OjE3ODQ5Njl3Mjk3MDI4ODU3?story_media_id=2290241797798928893_647452748&igshid=YmMyMTA2M2Y=. Acesso em: 04 fevereiro 2022.



sistemas escravistas e nos pós-abolição, demonstram as habilidades que essas mulheres tiveram no mundo do comércio, ao passo que, também, revelam as condições históricas sobre as quais essas atividades foram desenvolvidas (SOARES, 1994, FERREIRA FILHO, 2013; IVO, 2012). Apesar de reconhecer a importância de tais pesquisas historiográficas, nos distanciamos destas, à medida que nosso estudo prioriza a análise do fenômeno sobre o “afroempreendedorismo” no contexto atual, afastando-nos, assim, do risco de cometermos anacronismos históricos. Entendemos os caminhos trilhados no ato de empreender da população negra, que não podem ser negligenciados.

Os diálogos críticos das pesquisadoras negras (Nascimento, 2020; Reis, 2021; Santos, 2019) certificam que os estudos sobre o empreendedorismo negro são pontos de tensões complexas, visto que carregam, em seu entorno, questões conceituais próprias do empreendedorismo clássico, mas possuem questões particulares a um segmento gestado por um corpo negro.

EMPREENDEDORAS NEGRAS E/OU AFRO EMPREENDEDORAS – MULHERES NEGRAS SE AUTODEFINE

Discutir a autodefinição de mulheres negras empreendedoras, no Sertão baiano, está imbricado nos estereótipos atribuídos às mulheres negras de modo geral. As imagens de controle servem de justificativas às desigualdades sociais interseccionadas no sentido de naturalizar as opressões que perpassam as suas realidades cotidianas.

Os percursos traçados e os caminhos escolhidos até as auto definições das mulheres negras nos levaram a desenvolver esse capítulo, dado que, historicamente, a população negra sempre esteve relegada às piores condições em todos os âmbitos da vida cotidiana. Como discutido, as mulheres negras sempre enfrentaram mais dificuldades para conseguir reerguer os seus negócios, mas sem perderem de vista os mecanismos de



combate às injustiças, potencializando, assim, as formas como essas trabalhadoras fazem uso das suas experiências criativas, visibilizando as formas que elas têm contribuído com o desenvolvimento social e econômico do país.

Visto não apenas sob a lógica da sobrevivência, mas, antes e sobretudo, sob a perspectiva da resistência a condições históricas e sociais adversas, o ato de empreender praticado pela mulher e pelo homem negro nutre-se do propósito de tornar visíveis e senhores de seus próprios destinos aquelas e aqueles que, durante muito tempo, foram invisibilizados, subalternizados e alijados de sua própria liberdade e vontade (SANTOS, 2019, p. 15).

Embora, esquematicamente, não nos isentamos de discutir a racialização da pobreza e da miséria, assumimos o compromisso de apresentar também as narrativas das mulheres negras que fazem parte da pesquisa focalizando as estratégias de resistência e as suas auto definições contra as situações sub-humanas. Por esse motivo, vale a pena apontar outros tipos de resistência gestados pelos corpos femininos negros que as autoras [negras] com muito expertise já registraram, como mecanismo propulsor para mudança interpretativa e de mobilidade social da população negra.

Isto posto, a autodefinição analisada por Collins (2019) está correlacionada com a noção de uma consciência construída coletivamente. De um certo ponto de vista, dentro de um contexto relacional, a identidade negra é perpassada, dentro de uma categoria sócio-histórica de uma estrutura racista.

Retomando as raízes da construção histórica da sociedade conquistense, desde os conflitos dos agentes da coroa portuguesa com os povos indígenas e negros, que residiam no Sertão da Ressaca, bem como aos processos de formação da elite conquistense, cristalizou-se no imaginário social, até os dias atuais, uma concepção de uma dita superioridade e exaltação da ‘civilidade’ do homem branco, em detrimento de um grupo tornado subalterno, além da tentativa de apagamento da história e da cultura de outros povos.

Entretanto, por meio dessa pesquisa sobre a participação da



população negra e indígena na região de Vitória da Conquista, elaboramos a seguinte hipótese: o ato de empreender de algumas mulheres negras, na cidade de Vitória da Conquista, na Bahia, no contexto atual, é revolucionário, à medida, que as suas atividades, princípios e ações estão vinculados a uma luta antirracista e antissexista.

Nesse sentido, além de possibilitar uma mudança socioeconômica a essas mulheres, o ato de empreender gera um conjunto de potências que se mobilizam e articulam-se coletivamente, na sociedade conquistense, por meio da valorização e da autodefinição enquanto um grupo étnico-racial cibernético, que percebe suas atividades econômicas como perspectiva afro-cultural de reafirmação de si e de mudanças sociais em suas vidas.

Tal compreensão, longe de querer romantizar os contextos históricos de opressões que atravessam os corpos negros, também nos aporta para um entendimento que não seja apenas de dor, ou passividade, diante das desigualdades e exclusões. A metodologia da amefricanidade elaborada por Lélia Gonzalez (2020) incorpora, a partir dos lugares de atuação das amefricanas, uma característica que se faz alicerçada na resistência e na subversão.

Pensar o contexto de Vitória da Conquista, por meio da categoria da amefricanidade, é, também, pensar nas resistências das mulheres em sua diversidade, as indígenas, mulheres negras e pobres, que sempre estiveram na busca por se fazerem ser respeitadas, na procura de uma vida digna, não apenas para si, mas para todas as suas famílias, principalmente no mundo do trabalho.

A presença de empreendedoras negras, em Vitória da Conquista, nos leva ao entendimento de que o “ato de empreender” está associado à luta antirracista articulada à luta contra às desigualdades sociais e pelo bem-viver das mulheres negras e de suas famílias, elementos percebidos por nós como reflexos de um contexto mais amplo dos movimentos negros.

Concordamos com Figueiredo (2019), que a Marcha das Mulheres



Negras em 2015, apresenta-se como um potencializador das transformações sociais, porque a partir desse marco histórico percebemos, em diversas regiões do Brasil, mudanças na perspectiva estética e políticas das mulheres e homens negros. Em Vitória da Conquista, o surgimento de estabelecimentos voltados para o cuidado estético da população negra, é fruto de um contexto mais amplo, defendido pelos movimentos de mulheres negras, sobretudo depois da Marcha das Mulheres Negras e a Marcha do Empoderamento (FIGUEIREDO, 2019, SILVA, 2017).

Embora a estimativa (2012) da população que se autodeclara negra em Vitória da Conquista, corresponde a 65,06%,⁶, durante o período de desenvolvimento da pesquisa, foi possível perceber a inexistência de um mapeamento da quantidade de afroempreendedores e da importância de um fortalecimento nessa nova forma de negócio para o combate às desigualdades raciais, sobretudo, com o apoio da administração pública. Os dados registrados de empreendedores apresentam somente a filtragem por gênero, em que o percentual de mulheres empreendedoras corresponde a 589%, enquanto que dos homens empreendedores representam 651%.

QUEM SÃO ELAS – YOUTUBERS? INFLUENCIADORAS DIGITAIS? OU AFROEMPREENDEDORES?

Para a realização da pesquisa, analisamos os discursos produzidos nas páginas do *YouTube* e *Instagram* de cinco mulheres empreendedoras que se autodeclararam negras, no município de Vitória da Conquista.

⁶ <https://www.pmvc.ba.gov.br/dados-estatisticos/>. Acesso em 22 de abril de 2022.



Imagem 01: Luiza Rodrigues⁷



Luiza Rodrigues é uma mulher negra, mãe, *digital influencer*, maquiadora e especialista em maquiagem para pele negra, em Vitória da Conquista. Assim como várias mulheres negras, assumiu, desde muito cedo, o papel de chefe de família para ajudar nas despesas de casa e sustentar o seu filho. Ao longo de sua trajetória, Luiza trabalhou em vários lugares, desde panfletagem nas ruas e eventos, até vendas em lojas de cosméticos e maquiagem. Como maquiadora, se especializou em maquiagem para pele negra, em busca de satisfação pessoal e também como ação política.

Imagem 02: Lila Barretos⁸

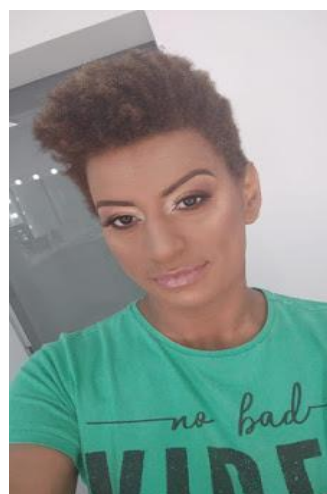


imagem 01: Fonte: Sudoeste Digital, 22/11/ 2019

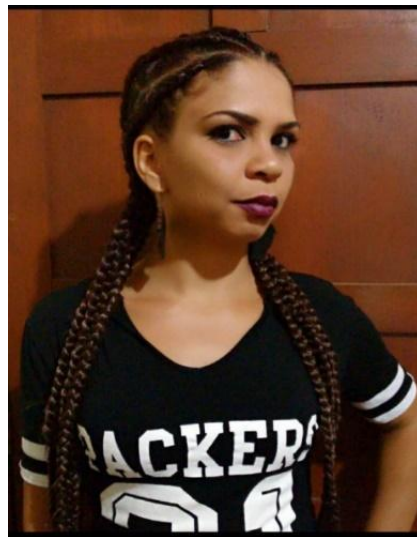
⁸Fonte: Sudoeste Digital, 22/11/ 2019

Disponível em: <https://sudoestedigital.com.br/conquista-mulheres-negras-de-vitoria-da/>
Acesso dia 06-05-22



Lila Barretos é uma mulher negra, mãe, professora, esteticista, especialista em pele negra e mestra em ciências da saúde. Assim como Luiza Rodrigues, a trajetória de Lila é marcada, desde muito cedo, pela entrada do mundo do trabalho para sustento de sua família, após o falecimento do seu pai. Lila decidiu se especializar em pele negra, porque desde a infância teve contato com discursos racistas, em relação à estética de pessoas negras.

Imagem 3: Vanessa Lopes⁹



Vanessa Lopes (Nessyta) é cientista social, graduanda no curso de licenciatura em pedagogia. Iniciou sua participação nos movimentos sociais, em Vitória da Conquista, aos 13 anos de idade. A partir do movimento *hip hop* desenvolveu a habilidade de tratar de penteados afros, sendo uma das líderes e idealizadores da Casa Cultural *Hip Hop U. Elos*, no ano de 2014. Vanessa, ao longo da sua trajetória, atuou em várias ações sociais nos bairros e escolas, oferecendo oficinas de estética negra, danças e discussões ligadas à luta antirracista. Por meio dessas ações sociais, percebeu a possibilidade de fazer das aspirações políticas e pessoais um modo de obter uma renda financeira.

⁹ Fonte: acervo da autora



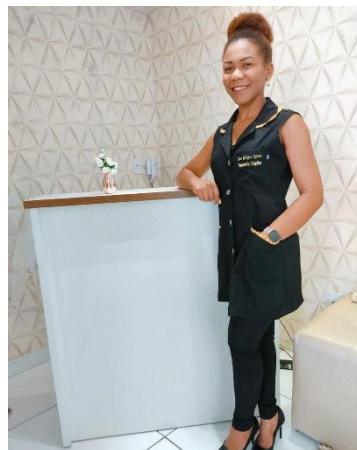
Atua na área há mais de 20 anos

Imagem 04: Bruna Larissa¹⁰



Bruna Larissa é uma mulher negra, *digital influencer* e uma das idealizadoras do movimento social Encrespa Conquista, surgido em Vitória da Conquista, no ano de 2015. Bruna trabalhou em vários lugares, no comércio, predominantemente. No início da pandemia da Covid-19, no ano de 2020, após ficar desempregada, tornou-se empreendedora no ramo da estética, atuando como trançista e na venda de acessórios para cabelos crespos e cacheados.

Imagem 5: Maiza Ribeiro¹¹



¹⁰ Imagem 4: Bruna Larissa

Fonte: <https://focanativa.wordpress.com/2016/09/13/quando-a-mudanca-interna-comeca-a-partir-do-cabelo/> acesso em 06-05-22

¹¹ Imagem 05: Maiza Ribeiro **Disponível em**

<https://www.instagram.com/p/CMYFvVosHcT/?igshid=YmMyMTA2M2Y=> acesso em 06-05-22



Maiza Ribeiro, mulher negra, de 24 anos, trabalha no ramo da estética e cosmética desde os 15 anos de idade. É, também, uma das organizadoras do movimento Encrespa Conquista, e foi por meio desse movimento, que surgiu em 2015, que ela resolveu assumir a sua identidade de mulher negra e, conseqüentemente, se especializou e desenvolveu produtos voltados para o cabelo crespo e cacheado.

Para demonstrar o cenário recente referente ao afroempreendedorismo no ramo da estética em Vitória da Conquista, os movimentos sociais negros e das mulheres negras no contexto regional foram fios condutores para o ato de empreender das mulheres negras analisadas, e que as suas práticas estão atreladas ao ativismo e às atividades financeiras nelas vinculadas.

[...]eu sou tranquista aqui em Conquista já há bastante tempo, eu tranço cabelo desde 2002. Eu fui muito influenciada naquela época pelo movimento hip hop. [...]com uma liderança muito forte aqui, política, né? do movimento negro que é Suzete Lima, [...] E muito influenciada pela cultura negra, o hip hop é uma cultura de origem negra, norte americana, eu conheci as tranças nagô, as tranças. Por uma questão de pertencimento, eu sempre falo isso para as minhas clientes, eu me interessei e quis começar a trançar cabelo, porque tem toda uma história né? relacionada a minha origem (Nessyta)¹²

Percebemos relatos semelhantes no discurso em um diálogo entre Maiza e Lila participantes do movimento Encrespa Conquista, em que Maiza relata que por Lila ser uma mulher negra, serviu de inspiração para que ela também se especializasse em cuidados com a pele negra.

[...] é quem você representa também, você é inspiração para muitas mulheres negras que têm dificuldade ainda de se encontrar e você querendo ou não foi uma inspiração pra mim, e assim outras meninas que também estão vindo e estão começando na área da estética, hoje a gente ainda vê poucas meninas negras entrando no curso de estética e em outros cursos também, mas assim, quando a gente vê lá ela se torna nossa referência, então assim, se ela consegue eu

¹² Disponível em: https://www.instagram.com/nessytatranças/tv/CU0-pT4Bwt1/?utm_medium=copy_link. Acesso em: 23 de janeiro de 2022.



também consigo alcançar (MAIZA)¹³.

A experiência comum no processo de construção da identidade negra vivenciada por essas mulheres, e a escolha das profissões são analisadas a partir da capacidade dessas mulheres de se auto definirem diante das opressões que as atravessam, principalmente no que se refere à estética.

Transcender esses limites percebidos nessas narrativas é ter a consciência das opressões sofridas nas suas experiências e ressignificar os caminhos que em algum momento foram de dores, estranheza, negação de si, para uma nova jornada de autodefinição e pavimentação de caminhos para outras mulheres negras. A autodefinição, na perspectiva de Collins (2019), não é uma consciência individual, mas coletiva. Nesse sentido, a autora explica que talvez essa consciência seja a única esfera onde a liberdade se tornaria possível.

As narrativas de Nesyta, Luiza, Maiza e Bruna desdobram-se para a compreensão de que as suas atividades econômicas estão atreladas aos percursos individuais e coletivos de pertencimento étnico-racial. Pode ser visto nas expressões abaixo:

[...]E eu não tinha isso antes, eu procurava referências pra eu poder me inspirar na maquiagem, e eu não encontrava mulheres negras que eu podia me inspirar ali, pra eu poder me sentir mais segura na hora da maquiagem. [...] Eu não quero trazer um novo padrão, eu quero que as mulheres sejam livres, e principalmente as mulheres negras. Eu quero que elas se olhem no espelho, e que elas valorizem os seus traços e as suas características. Não é só sobre a maquiagem, é sobre ter representatividade na maquiagem (LUIZA)¹⁴.

Minha história hoje não foi somente de superação, mas de descoberta, eu descobri que meu cabelo foi um marco na minha vida, a partir dele que eu quis cuidar de outras mulheres, ensinar a elas a se amarem, tudo o que eu faço é por amor, é para ensinar aquelas crianças a não passar pelo que o que eu passei, é para ensinar a cada uma cuidar do seu cabelo do jeito que ele é (MAIZA).

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DEg84gE2YYk>. Acesso 01 de Janeiro de 2021.

¹⁴ Disponível em:

https://www.instagram.com/s/aGlnaGxpZ2h0OjE3ODQ5NjI3Mjk3MDI4ODU3?story_media_id=2290241797798928893_647452748&igshid=YmMyMTA2M2Y=. Acesso em 04-02-2022.



Analisar as narrativas das colaboradoras, demarcam o que os estudos sobre mulheres negras e das epistemologias feministas negras apontam, em que elas de modo específico, desenvolvem tecnologias para sanar as suas próprias dificuldades. Nesse sentido, transitar pelos caminhos pavimentados pelas empreendedoras negras demonstra duplos sentidos que envolvem os seus saberes-fazer, compreendendo que a busca pela sobrevivência material é também identitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Novas pesquisas vêm abordando a importância das discussões sobre mulheres negras no mercado de trabalho, de modo especial, as configurações no empreendedorismo, que é fenômeno presente nas discussões, nos últimos anos, como uma estratégia de sobrevivência, de saída da crise do desemprego, em resposta às implementações de políticas econômicas neoliberais.

Nesse sentido, pesquisadoras negras feministas, desse campo de estudos, atribuem a esse fenômeno o ponto-chave para a precarização do trabalho com a retirada de direitos dos grupos que sempre estiveram alijados de melhores condições de vida. Demonstram, também, as potencialidades dos afro-empreendedorismo como mecanismo de autodefinição estético e político da população negra como estratégias de subversão e autodefinição.

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patrícia Hill. *Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

FIGUEIREDO, Angela. *Classe Média Negra: trajetórias e perfis*. EDUFBA,



Salvador, 2012.

FREITAS, Adalberto Souza de. “Empoderamento Crespo”. Um estudo sobre corpo e estética de Mulheres Negras que participam do grupo Crespo@s e Cacheado@s em Jequié – Bahia. Dissertação (Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia), Jequié, 2018.

GEM - GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR EMPREENDEDORISMO NO BRASIL 2019. Coordenação de Simara Maria de Souza Silveira Greco; diversos autores. Curitiba: IBQP, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (Orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

IBGE. Estatística de Gênero. Disponível em:
<https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-1,1,2,-2,3,4,3,128&ind=4707>. Acesso em: 15 ago. 2019.

_____. Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil: [Rio de Janeiro]: IBGE, 2019. (Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica, nº 41). Disponível em:
https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em 01 de novembro de 2021.

NASCIMENTO, Eliane Quintiliano. “Meu dinheiro tem cor!”: Afroempreendedorismo Brasileiro e Identidade. Dissertação. (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

_____. Afroempreendedorismo como estratégia de inclusão socioeconômica. III Seminário de Ciências Sociais – PGCS UFES, Vitória, 2018.

NOGUEIRA, Martha Maria Brito. Mulher Negra e Empoderamento: Trajetória e memórias de Dona Dió do acarajé na cidade de Vitória da Conquista. Dissertação (Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia), Jequié, 2016.

OLIVEIRA, Renata Ferreira de. Índios paneiros no planalto da conquista: do Massacre e o (quase) extermínio aos dias atuais. 2012. Dissertação. (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SANTOS, Maria Angélica dos. **O lado negro do empreendedorismo: afroempreendedorismo e blackmoney**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

SEBRAE. Os donos de negócio no Brasil: análise por raça/cor (2001 a 2014).

"ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÔ



Brasília: 2016. Disponível em:

[http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/806a5f8579ff4fa4a69a6f91fbaecf7c/\\$File/7480.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/806a5f8579ff4fa4a69a6f91fbaecf7c/$File/7480.pdf). Acesso em: 30 de junho de 2021.

SILVA, Gleicy Maillyda. **Empreendimentos sociais, negócios culturais**: uma etnografia das relações entre economia e política a partir da Feira Preta em São Paulo. Tese (doutorado) - Universidade de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2017.

_____. Cultura negra e empreendedorismo: sensibilidades políticas a reivindicações econômicas e o engajamento através do mercado. **Anuário Antropológico**, Brasília, UnB, v. 43, n. 1, p. 11-36, 2018.